

O início da literatura judaica nas Américas

The beginning of Jewish literature in America

Jane Bichmacher de Glasman*

Resumo: Os 24 anos em que os holandeses ocuparam o nordeste do Brasil (1630-1654) foram tratados pela historiografia clássica como um período de relativa tolerância religiosa. Os judeus eram considerados aliados políticos dos holandeses e foram importantes na criação de novos empreendimentos comerciais, principalmente por dominarem os idiomas português e holandês. A vida comunitária fortaleceu-se em 1641, com a chegada dos rabinos Isaac Aboab da Fonseca e Raphael d’Aguilar, o que deixou também uma herança literária: Aboab da Fonseca, além de primeiro rabino das Américas, é considerado o primeiro autor judeu em hebraico do Novo Mundo pelo *Mi Chamocha*, prece composta para descrever as agruras da comunidade durante o sítio imposto pela frota luso-brasileira. No presente texto iremos abordar aspectos biográficos do referido autor, inserindo sua produção literária dentro da conjuntura do período histórico brasileiro atinente.

Palavras-chave: Literatura Hebraica. Cristãos-novos. Judeus holandeses.

Abstract: The 24 years when the Dutchmen occupied the northeast of Brazil (1630-1654) were treated by classical historiography as a period of relative religious tolerance. The Jews were considered allied politicians of the Dutchmen and were important in the creation of new commercial enterprises, mainly by dominating Portuguese and Dutch languages. The communal life was fortified 1641, with the arrival of the rabbis Isaac Aboab da Fonseca and Raphael d’Aguilar, who left also a literary inheritance: Aboab da Fonseca, is not only the first rabbi of the Americas, but is also considered the first Jewish author in Hebrew of the New World with *Mi Chamocha*, prayer composed describing the community suffering while surrounded by the Portuguese fleet. In the present text we are going to approach biographical aspects of the referred author, inserting his literary production within the situation of that Brazilian historical period.

Keywords: Hebrew Literature. New Christians. Jews Dutches.

1 Sob o domínio holandês: o período de tolerância

A ocupação holandesa de Pernambuco, entre 1630 e 1654, foi um breve hiato de tolerância religiosa num continente marcado pela imposição, à força, do catolicismo e pela severa vigilância da Inquisição.

No início do domínio holandês, muitos judeus portugueses que haviam imigrado para a Holanda vieram para o nordeste brasileiro; eram os descendentes dos *sefaradim*¹ que, quando dos éditos de expulsão dos judeus da Península Ibérica, tinham ido buscar abrigo nos Países Baixos – onde continuaram a falar português. Com a tomada de Recife pela Holanda, esses grupos foram atraídos pela oportunidade de progredir na mais rica capitania portuguesa da época e navios fretados por judeus passam a chegar quase todo mês. Centenas deles vieram e contribuíram para o crescimento econômico da colônia holandesa, como donos de engenhos, arrendatários ou comerciantes de produtos coloniais. O conhecimento da língua portuguesa e a afinidade com os cristãos-novos os capacitaram como intermediários entre os holandeses e a população local. Sob o domínio holandês, os judeus puderam observar a religião com relativa liberdade,² a qual também levou muitos cristãos-novos, que ali residiam antes da chegada dos holandeses e praticavam secretamente os rituais judaicos, a assumirem em público a sua religião,³ voltando, dessa forma, às práticas cotidianas da lei judaica.⁴

2 Os judeus no Brasil holandês

Foi tão grande esse fluxo migratório para Recife até 1650, quando o cerco português àquela cidade se intensificou, que em 1642 cerca de 50% da população branca da Nova Holanda era composta por judeus, vindos também da Turquia, Portugal, Espanha, Polônia e Hungria, sendo que dos dois últimos países vinham fugindo dos *pogroms*, massacres contra a população judaica, que ocorriam naqueles países. Segundo RAMOS (2003):

É igualmente difícil identificar os chamados judeus *ashkenazim* da massa dos habitantes holandeses. Os *ashkenazim* começaram a afluir para a Holanda, vindos da Polônia e Alemanha, em consequência da guerra dos Trinta Anos (1618-48) e vários deles passaram ao Brasil.⁵

O próprio nome Recife teria origem hebraica: *ratsif (racif)* significa calçada; cais; plataforma, que tanto poderia se referir aos arrecifes como ao porto, conhecido como “Cais dos Judeus”.

Em 1636 foi fundada a primeira sinagoga das Américas, a *Kahal Kodesh Tzur Israel*, Santa Congregação Rochedo de Israel,⁶ funcionando precariamente na casa de David Senior Coronel, Duarte Saraiva; mais tarde foi construído um templo próprio em dois sobrados na rua que passou a ser chamada Rua dos Judeus.⁷ Um ano depois foi fundada a sinagoga *Magen Avraham*, Escudo de Abraão, na ilha Maurícia, *Mauritstaad*, hoje Antônio Vaz. Em 1644, o judeu Baltazar da Fonseca construiu a Ponte Buarque de Macedo, ligando Recife à ilha, onde ficava a sinagoga. Em 1648, ela foi subordinada à jurisdição da *Tzur Israel*. Dessa mesma época, data o primeiro Cemitério Judaico, assinalado em vários mapas antigos no Sítio dos Coelhoos, no bairro da Boa Vista, pelo historiador José Antônio Gonsalves de Mello, a dois quilômetros da sinagoga *Tzur Israel*, onde hoje é a Favela dos Coelhoos. Além das duas comunidades *Zur Israel* e *Maguen Abraham*, no Recife e na cidade Maurícia, nos demais territórios dominados pelos holandeses, assentaram-se judeus que formaram pequenas comunidades na Paraíba e em Itamaracá, onde se formou uma comunidade presidida por um rabino próprio, Jacob Lagarto,⁸ que foi o primeiro escritor talmúdico na América do Sul, como informa SEREBRENICK (s.d).

Segundo VEITMAN (2003) e WIZNITZER (1966), os textos dos estatutos e das atas da comunidade *Tzur Israel* demonstram que a congregação era constituída de pessoas eruditas, como professoras e o encarregado do abate ritual; durante seus quase 20 anos de existência, manteve uma estrutura comunitária completa, com instituições como escolas, sociedades de caridade, cemitério, *mikvê*.

SILVA (2001) identifica personagens ilustres que integravam a *Tzur Israel*, como o *hazan*, cantor litúrgico, Jehosua Velosino; o *Rabi*, mestre-escola, Samuel Frazão; o *shamash*, bedel, Isaac Namias; o *shochet bodeck*, encarregado do abate ritual dos animais, Benjamin Levy, segundo relação dos funcionários no ano de 1649. No ano anterior, a 16 de novembro, houve a fusão das comunidades *Tzur Israel* e *Maguen Abraham*, quando foram elaboradas as *Haskamot*, o Regulamento de 40 artigos por meio do qual iriam reger-se as duas comunidades, subscrito por 172 membros adultos do sexo masculino, residentes em Recife e em Maurícia.

Os judeus brasileiros organizavam coletas para os pobres da Terra de Israel e do Brasil e comerciavam açúcar com o Oriente Médio. Segundo SEREBRENICK (s.d), essa ascensão comercial foi possível após o confisco dos engenhos dos portugueses pelos holandeses, em 1638, quando os judeus puderam arrematá-los em hasta pública, por preço irrisório.

A vida comunitária fortaleceu-se em 1641, com a chegada dos rabinos Isaac Aboab da Fonseca e Raphael d’Aguilar, os quais deixaram também uma herança literária: Recife foi o berço dos primeiros textos literários em hebraico do continente americano, com a publicação dos seus poemas e orações.

Sobre o Rabino Mosseh Raphael d’Aguilar, Goldfarb e Knijnik (2005, p. 82) escrevem:

Sabe-se que ele provavelmente nasceu em 1615 (em Portugal ou na Holanda), de família portuguesa. Recebeu educação judaica e secular na Holanda e, em 1642, viajou para o Brasil na companhia do Rabino Isaac Aboab da Fonseca. Retornou para a Holanda quando os portugueses reassumiram o controle das terras brasileiras anteriormente ocupadas pelos holandeses. Em 1661 passou a fazer parte do tribunal rabínico e faleceu em 1679. Está enterrado no cemitério judaico em Amsterdã. Como típico homem de seu tempo, filósofo natural e pensador renascentista, o Rabino Mosseh Rephael d’Aguilar buscava o conhecimento da natureza, procurando decifrar a matéria impregnada de divino, o mundo à imagem de Deus e o homem à imagem do mundo. (...) Ele pretendia descobrir, através da Razão, aquilo que já era sabido pela Fé. Para tanto, fez uso das obras clássicas gregas, bebendo da fonte das obras platônicas, neoplatônicas, aristotélicas, herméticas e cabalísticas. Dentre suas obras, destaca-se o Discurso sobre a significação das letras hebraicas, e alguns indícios reforçam a idéia de inspiração nitidamente cabalística deste documento.

3 Isaac Aboab da Fonseca

Isaac Aboab da Fonseca nasceu em 1605, em Castro Daire, distrito de Viseu, na Beira Alta, Portugal, filho de David Aboab e Isabel da Fonseca. Ele era bisneto do último *Gaon* de Castela, a máxima autoridade na lei judaica, que em 1492 foi forçado a sair da Espanha para Portugal, estabelecendo-se na cidade do Porto. Isaac recebeu, ao nascer, o nome de Simão da Fonseca. Sua mãe tinha cinquenta e um anos quando lhe deu a luz. Quando ele ainda era criança, seus pais, fugindo da Inquisição, imigraram para Saint Jean de Luz, no sudoeste da França, próximo à fronteira espanhola, onde residiam outros cristãos-novos de Portugal, que ali podiam observar secretamente os ritos e costumes judaicos. Em 1612, então com sete anos, mudou-se com os pais para Amsterdã, local acolhedor para os refugiados da Península Ibérica, “onde a família pôde, finalmente, observar com liberdade sua religião judaica” (SILVA, 2001).

A comunidade judaica de Amsterdã foi fundada em 1590 por judeus que deixavam a Espanha e Portugal devido às perseguições religiosas e intolerância naqueles países. Nesta cidade, seu pai faleceu e o órfão tornou-se discípulo do *haham*⁹ (rabino e sábio) Isaac Uziel, de Fez. Manasseh Ben Israel¹⁰ era seu colega. Sua erudição era tamanha que aos 14 anos tornou-se *hazan* (oficiante, cantor litúrgico) da congregação *Neveh Shalom*, aos 18 anos foi mestre-escola e, aos 21, foi nomeado rabino da congregação *Beth Israel* de Amsterdã. Em 1639, essa congregação se uniu às outras duas já existentes sob o nome comum de *Talmud Torá*, onde ele permaneceu como o mais jovem dos quatro rabinos, ensinando gramática e *Guemará* e fazendo as prédicas da noite, recebendo um salário anual de 450 florins. Em 5402 (1641-1642) Isaac Aboab aceitou ser nomeado *haham* da crescente comunidade judaica do Recife no Brasil, com salário de 1600 florins anuais.

Liderou um grupo numeroso de judeus portugueses de Amsterdã para o Brasil. Chegou com o citado *hazan* Mosseh Raphael d’Aguilar, Moisés Rafael de Aguilar, com quem posteriormente escreveu *Miimeh Iehudá*, sobre os costumes e a vida cultural dos judeus brasileiros.

Rabino Isaac Aboab da Fonseca atuou como guia espiritual da comunidade *Tzur Israel* de Recife desde a sua chegada até sua partida, em 1654. Nessa cidade, encarregava-se de todas as funções rabínicas e fazia conferências sobre o Talmud. Era também *mohel*, quem faz a circuncisão, além de celebrar os casamentos. Após chegar ao Brasil, Aboab se empenhou em fazer retornar ao judaísmo, conversos que vieram a essa terra antes da ocupação holandesa.

Segundo Borges (2007), de 1642 à 1645 Isaac Aboab gozou de alguns anos de prosperidade. Ao irromper a guerra luso-brasileira de libertação, compartilhou da triste sina dos demais habitantes do Brasil Holandês.

4 O começo do fim

O grande benfeitor da comunidade judaica foi Conde João Maurício de Nassau, que governara o Brasil Holandês entre 1637 e 1644. Em 1645, um ano depois do seu retorno aos Países Baixos, teve início o movimento chamado de Insurreição Pernambucana, que propugnava a expulsão dos holandeses das capitanias do Norte, o que veio a acontecer em 27 de janeiro de 1654.¹¹

A comunidade prosperou sob sua liderança, porém somente quatro anos depois, o exército português atacou a cidade de Recife, na tentativa de recapturar a cidade. Eles ofereceram proteção aos judeus, caso concordassem não tomar partido na luta, porém Rabi Aboab e sua comunidade, conscientes da intolerância portuguesa para com os judeus, a qual contrastava fortemente com a liberdade da qual gozavam sob o domínio holandês, decidiram tomar parte ativamente na defesa da cidade, deliberando assim, valentemente pela liberdade religiosa.

O ano de 1646 foi de grande crise para os holandeses e judeus residentes no Recife. Depois das vitórias conquistadas no Monte das Tabocas, na Casa Forte e no Cabo de Santo Agostinho nos meses de agosto e setembro de 1645, os portugueses isolaram o Recife, deixando seus habitantes sem acesso aos alimentos produzidos na zona rural, o que resultou em grande fome para cerca de 8.000 pessoas, quando até ratos foram consumidos pela população. Silva (2001) cita o testemunho de Johan Nieuhof,¹² alemão residente no Recife entre 1640 e 1649, que “os gatos e cachorros, dos quais tínhamos então abundância, eram considerados finos petiscos. Viam-se negros desenterrando ossos de cavalo, já meio podres, para devorá-los com incrível avidez”.

5 O berço da literatura hebraica

De acordo com Freund (2009), durante a maior parte da década seguinte, os portugueses sitiaram Recife, os judeus participaram da feroz luta e Rabi Aboab da Fonseca liderou sermões públicos a favor da resistência. Em um poema que compôs em hebraico, o rabino escreveu:

Muitos dos imigrantes judeus foram assassinados pelo inimigo, muitos morreram de fome. Aqueles que estavam acostumados à delicadeza estavam felizes de poder satisfazer sua fome com um pão seco; depois não puderam obter nem isso sequer. Eles estavam necessitados de tudo, e se preservaram em vida de forma milagrosa.

Esse momento de privação, descrito em cores vivas e pungentes no poema *Mi Kamókha*, Quem como Tu?, se refere, na primeira parte, a João Fernandes Vieira, tratando-o por “conhecido homem sem coração, um sádico e embusteiro de mãe negra”. De acordo com o *American Jewish Historical Society*, a prece-poema *Mi Kamocha*, redigida por Aboab da Fonseca durante o cerco das forças luso-brasileiras em 1646 retratando a fome e o desespero dos habitantes do Recife, é o texto em hebraico mais antigo das Américas. Sob o ponto de vista literário, o momento supremo da comunidade, marca também o início do seu declínio:

Quem como Tu? Quem se assemelha a Ti?
D’us dos deuses, Senhor meu, Altíssimo, descansas no meu lar.
Por meus pecados fui abandonado numa nação longínqua.
Lembrou-se D’us do rei de Portugal, cuja ira nos aterrorizou.
Que D’us se abata sobre os seus nobres e chefes de exército.

Nos seus versos, o introdutor da literatura hebraica em terras do Novo Mundo lembra os piores momentos do cerco e a fome:

Lá fora, a espada semeava a morte; dentro era o terror, porque há conspiração tanto interna quanto externa.

Bastardos e mamelucos, meus perseguidores e traidores, revelam segredos meus aos inimigos, e traiçoeiramente querem entregar minha fortaleza. Isso irrita minha alma.

Doía-me o coração de tanto esperar. Mais a longa demora do auxílio prometido, e a fome, o racionamento com redistribuição de rações habituais.

O corpo reduziu-se em carne e ossos devido à fome. O pão era pesado e racionado.

Meu povo acostumou-se a substituir o pão pelo peixe, até quando os intestinos se ressentiram.

Este é o dia almejado para assaltar o povo revoltado, disse o inimigo, para tomarmos suas casas e todos os seus bens.

Aproxima-se o dia de sua ruína; foram abandonados pelo (seu) deus.

Vemos o seu fim. E nós não tínhamos meios suficientes para vencê-lo.

D'us ouviu tudo isso e ficou irado, mas calmo para com Seu povo, e cobriu-nos com sua grande bondade. Feliz o povo que conta com Ele.

Rememora Johan Nieuhof¹³ que, “quando já tínhamos atingido o auge da penúria e devorado todos os cavalos, gatos, cachorros e ratos, (...) avistamos dois navios desfraldando o pavilhão do Príncipe, que rumavam para o Recife a todo pano”. Era 22 de junho de 1646, data em que aportaram no Recife os barcos holandeses *Gulden Valk* e *Elizabeth* trazendo soldados e alimentos para aquela população de esfomeados. A população agradecida mandou cunhar duas medalhas comemorativas, as primeiras que se têm notícia no Brasil, a serem ofertadas aos capitães dos dois navios, com a seguinte inscrição: *Door de Valk en Elisabeth is het Recief ontzet*, O [navio] Falcão e o [navio] Elizabeth salvaram o Recife.

No *Mi Kamókha*, em ação de graças pelo milagre operado, o rabino Aboab da Fonseca expressa toda a sua emoção no estilo bíblico. Ao refletir esperança e agradecimento pela chegada dos navios holandeses *Gulden Valk* e *Elizabeth* contendo suprimentos, Isaac Aboab escreveria:

No nono dia do quarto mês dois navios dos Países Baixos trouxeram a salvação para o meu povo.

Se não tivessem chegado a tempo, ninguém teria escapado.

Gravai tudo isso e estejais lembrados, meus congregados, que naquele dia manifestou-se o favor de D'us.

Lembraí-vos do caminhar milagroso. Evocai com louvores Seu nome.

Cantarei ao D'us Majestade o dia em que Ele afogou o faraó no Mar Vermelho e salvou Seu povo.

Seu Nome não será esquecido pelos seus descendentes.

Ele nos salvou do campo da morte e sobre nós estendeu a Sua nuvem para garantir nossa salvação, e não deixou de iluminar o nosso caminho com Seu clarão e fogo luminoso.

E meu povo cantava caminhando terra afora: não há ninguém semelhante a Ti, entre os deuses.

Segundo Silva (2001), *Mi Kamókha*, a partir de então, passou a ser lida na sinagoga da Rua dos Judeus, nos dias de ação de graças, por disposição regimental da comunidade.

A guerra foi a causa da ruína econômica dos judeus no Brasil holandês e seus reflexos econômicos se estendem até a atualidade, pois a maioria do povo ficou pobre e insolvente. Nessa época o Recife era o local onde mais circulava moeda no mundo; depois da expulsão,

toda essa complexa estrutura comercial que lá havia foi transferida para as Antilhas Holandesas e, posteriormente, para Nova York, que na época não passava de uma fortaleza militar, chamada Nova Amsterdã. Os salários dos funcionários da congregação Zur Israel foram reduzidos. Em 1649, o salário de Isaac Aboab reduziu-se de 1600 para 1200 florins anuais. Em 1643, recebeu um aumento de 150 florins, como assistente dos professores da escola *Talmud Torah*. Enquanto a maioria dos *predikants*, pregadores, calvinistas deixava o Brasil holandês pela Holanda o mais de pressa possível depois que irrompeu a rebelião, Isaac Aboab ali permaneceu para orientar e ajudar o seu povo até o último instante, só deixando o Recife três meses depois da sua conquista e ocupação pelas tropas luso-brasileiras vitoriosas em 26 de janeiro de 1654.

Aboab registrou os momentos de agruras e carestias, provocadas pelas guerras de reconquista lusas, intensificadas por volta de 1645, sob o título geral de *Memória que compus acerca dos milagres de Deus e seu imenso favor com graça e misericórdia concedida à Casa de Israel, no Estado do Brasil, quando sofreram o ataque das tropas de Portugal, gente indigna que despreza Seu nome, para exterminar, matar e aniquilar todos que eram de origem de Israel, inclusive crianças e mulheres, num só dia, no ano de 5406 (1646), eu o humilde Isaac Aboab, no original: Zekher assiti leniflaot El*, Memória que compus acerca dos [ou Memorial aos] Milagres de Deus,¹⁴ descrevendo os acontecimentos sobrevidos depois de irromper a guerra. Em um trecho arremata:

Memorial em nome de Deus, pois as lágrimas cessaram
Cantarei na minha cidade vivo com todo meu júbilo
Também cantarei sua misericórdia, se não cessarem
Uma canção não conforme Seu tamanho mas com toda minha força.
Pois quem poderia exaltar Suas Maravilhas elevadas
Sobre toda criação acima e abaixo de minha lua?
Será como lembrança para elogiar o Nome de Deus
Para a congregação do Deus Excelso e Rocha de Israel

Além do poema, deixou o rabino Isaac Aboab da Fonseca uma oração, escrita quando da chegada a Pernambuco dos regimentos portugueses, em julho de 1645, *Confissão e Súplicas reunidas e determinadas por mim para orações nessa época desastrosa, quando da chegada dos regimentos do rei de Portugal e que vinham aniquilar-nos, não fosse o Rei e Senhor Soberano que nos salvou*, e outra por ele denominada, *Isaac dirigiu a D'us a seguinte oração*, em forma de confissão, em que se dirigindo a Deus confessa seus pecados (os do povo de Israel), por ter se voltado para os interesses materiais, para os gozos mundanos esquecido dos mandamentos, como os demais habitantes do país; e pede o perdão a Deus misericordioso.

6 De volta à Holanda

Em 1654, os holandeses se renderam. Com a retomada da cidade pelos portugueses e a hostilidade para com os judeus, por causa da intolerância religiosa que existia em Portugal, o rabino e a maior parte de seus fiéis retornaram a Holanda. Um barco que levava 24 deles foi desviado e chegou à Nova Amsterdã (mais tarde Nova Iorque).

Segundo Gonsalves de Mello:

Os israelitas que, em consequência da insurreição de 1645, abandonaram Pernambuco, dispersando-se por muitas das ilhas das Antilhas, pelas Guianas ou pela América do Norte, nunca deixavam de referir nos documentos da época a sua qualidade de antigos habitantes do Brasil: era uma espécie de título que era citado com orgulho (MELLO, 1987, p. 254).

Em Amsterdã, Rabi Aboab da Fonseca reassumiu o lugar de *haham*. Borges (2007) escreve que no manuscrito do livro de atas da congregação Talmud Torah de Amsterdã, o *Livro dos Acordos*

da *Naçam Escamot e Eleiçoems do K.K.T.T que el Dio augmente* (Livro de Acordos da Nação, Regulamentos e Eleições da Santa Congregação Talmud Torah que Deus a aumente), abrangendo o período de 5398 à 5440 (1638-1680), pode-se encontrar a anotação em português:

O Hakham Isaac Aboab abandonou o Brasil devido a perda do país e ofereceu o seus serviços aos senhores do Comitê Executivo da Congregação. A vista dos seus méritos presentes e passados, e por que ele é amado pela sua congregação em geral, foi contratado para o seguinte serviço: De Hakham da santa congregação, com voto entre os quatros votos rabínicos, como professor na escola Talmudica para estudantes adiantados, em substituição a Mortera, e como pregador, uma vez por mês no culto divino que caso necessário também de noite, na estação do inverno. Receberá anualmente um salário de 450 florins.

Essa nota data de 29 de Elul de 5414 (setembro de 1654). Subsequentemente foi ele o professor das escolas rabínicas *Torah Or* e da *Yeshiva de Los Pintos*. Em 1656, Aboab foi eleito Rosh Yeshiva da Academia Talmúdica *Torá Or* instituída pelos filantropos Efraim Bueno e Abraham Pereyra. A sua Academia produziu discípulos respeitados e sua pena, tratados de vastíssima erudição. Isaac Aboab serviu como *Haham* da congregação de Amsterdã até sua morte em 27 de Adar de 5453 (1693), aos 88 anos.

Foi designado juiz do *Beit Din*, Tribunal Rabínico. Dentre vários registros da comunidade de Amsterdã, encontramos atos de benevolência, sociais e judiciais realizados por Aboab, com destaque para a sua atuação como um dos juízes do *Beit Din* (Tribunal Rabínico) que excomungou o filósofo Baruch Spinoza, a 27 de julho de 1656; foi o próprio Aboab quem leu a sentença de excomunhão. Dez anos após, 1666, defendeu ardentemente *Shabatai Tzvi*.¹⁵ Após o falecimento do Rabino Saul Levi Mortera em 1660, Aboab tornou-se presidente do Tribunal Rabínico, posição idêntica à de Rabino-Mor da Congregação Unida Talmud Torá.

Rabi Aboab foi um pregador de reputação, com mais de mil sermões. Era notável conhecedor de Teologia, Física e Metafísica. Foi um célebre poeta, harpista e melodioso cantor. Sua propriedade literária abrangia sermões, orações fúnebres, discursos para comemorações festivas e elegias para o dia nove de Av. Suas prédicas eram cheias de conteúdo e acessíveis ao povo.

Além de poeta e pregador eloquente, Aboab também imergiu na erudição e na mística então em voga e se dedicou à elaboração de tratados especializados de acordo com o pensamento filosófico de seu tempo. Em 1655, publicou a tradução hebraica de uma obra cabalística espanhola, de Abraham Cohen Herrera, *Casa De Deus e Puerta Del Cielo*, sob o título de *Shaar haShamayim*. Descreve, na introdução, o sofrimento dos judeus durante os anos de 1645-54 no Brasil holandês, e o seu êxodo em 1654. Em 1681 publicou em Amsterdã um comentário sobre os Cinco Livros de Moisés intitulado *Paraphrasis comentado sobre El Pentateuco*, em espanhol.

Também escreveu um poema "Triunfo de Moises" em hebraico; 886 prédicas pronunciadas em diversas ocasiões; um livro de rezas em hebraico e espanhol (Amsterdã 1687). Deixou, além disso, os manuscritos de um ensaio concernente a castigo e recompensa, intitulado *Nishmat Hayim*, em que analisa a dúvida se o castigo infligido a um pecador permanece ou não após sua morte para todo o sempre. O autor se decide pela hipótese de que o castigo permanece em oposição às opiniões de Saul Levi Moreira, Schemaja de Modena e Asrja Figo, os rabinos de Veneza. O manuscrito, 1648, redigido em Amsterdã encontra-se na biblioteca Sussexiana em Londres. Escreveu outro manuscrito sobre gramática hebraica, *Meleket HaDikduk*, no ano de 1647. Escreveu também inúmeras *Hascamot* (Aprovações). Muitos poemas, discursos e honras que lhe foram conferidas, atestam o respeito e admiração de que gozava em todos os círculos.

Segundo Veitman (2003), o grau de intelectualidade de Aboab pode ser comparado pela lista dos livros que compunham sua biblioteca particular, uma das mais ricas de Amsterdã naqueles tempos, da qual constavam de mais de 500 títulos – livros e manuscritos sobre os mais variados assuntos – na sua maioria em hebraico, além de grego, latim, espanhol, italiano e francês. Continha 18 manuscritos hebraicos, 373 livros hebraicos e 53 livros em outras línguas. Obras de Cabalá, história de Portugal, geografia de vários países, sobre a Igreja, tradução hebraica dos Evangelhos, clássicos gregos e latinos. No prólogo de seu *Paraphrasis* comentado, Aboab confessava em sua humildade característica, que poucos dos comentários da obra cabiam a ele, visto “que la mayor parte es sacado de los mas famosos autores de que consta mi Biblioteca”. Apesar de sua modéstia, podemos comprovar sua excelência e erudição pelo grande número de *Hascamot* (aprovações), mencionadas anteriormente, solicitadas e concedidas por Rabino Aboab aos autores de célebres obras contemporâneas.

Em 1670, Aboab alertou a Congregação sobre a necessidade de alargar a sinagoga, por falta de espaço suficiente. Seu pedido e incentivo resultaram na construção da Grande Sinagoga Portuguesa de Amsterdã, inaugurada festivamente em 1675, quando Aboab recebeu a honra de levar o *Sefer Torá* para a leitura e compôs vários poemas para a ocasião. Veitman (2003) informa que, como rabino da nova sinagoga, ele ganhava 950 florins, 200 cestos de turfa (um combustível caseiro) e 40 *matzot*. Como reconhecimento, o nome de Rabi Aboab foi inscrito na entrada principal do edifício junto com o versículo “Mas eu, pela Tua grande benevolência, entrarei em Tua Casa” – *Aboa betecha* (Salmo 5:7), além da data do início da construção 1672.

Respeitado por todos, conseguia Rabino Aboab fazer passar suas decisões e reconciliações por ocasião do aparecimento de graves conflitos na vida comunitária. Em 1681, Aboab interveio para apaziguar as discórdias na irmandade caritativa *Maskil el Dal*, Socorro aos pobres, mediante uma decisão judicial rabínica; e em 1683, ajudou a acalmar pessoalmente, do púlpito da sinagoga, e impor sua decisão reconciliatória num conflito decorrente do sistema de eleição de novos diretores para o Conselho da Congregação, evitando maiores distúrbios comunitários.

A primeira mulher de Isaac Aboab morreu em 1669 e ele voltou a casar tendo também perdido a segunda mulher em 1689. Durante seus últimos anos, ficou cego. Em 1692, passou a ser ajudado por dois *hazanim* que o acompanhavam na leitura das *ketubot*, contratos de casamento, ofício que exercia desde 1660. No ano seguinte, no *Shabat*, 27 de Adar II de 5453, sábado, 4 de abril de 1693, falecia com 88 anos, o *haham* que em vida “de todos era muito venerado e amado”, e “feliz em vida e morte, administrou (o seu povo) por 70 anos”. No leito de morte sugeriu como seu sucessor rabino Jacob Sasportas, que o substituiu como Rabino-Mor.

Aboab foi sepultado no cemitério judaico-português de *Ouderkerk*, nas margens do rio *Amstel*, ao lado de sua primeira esposa Esther. Vários outros vultos históricos do judaísmo holandês também se encontram no mesmo cemitério. Próximo a esses túmulos encontra-se a sepultura de sua segunda esposa, Sara.

Deixou um filho, David Aboab, e uma filha de nome Judith. David era lapidador de diamantes e casou-se com Rachel Velosino, nascida no Brasil, filha do *hazan* da congregação *Tzur Israel* do Recife, Jehosua Velosino. David como seu pai, foi também *hazan*, da *Hevra Kadisha*. Judith casou-se com o erudito Daniel Belillos, filho do cristão-novo Balthazar da Fonseca, de Recife, que retornou ao judaísmo após a conquista holandesa, adotando o nome Samuel Belillos, um dos judeus mais ricos do Brasil holandês, que construiu uma ponte entre Recife e Maurícia (citada no início do artigo). Rabi Daniel Belillos era professor na escola *Etz Haim* de Amsterdã, foi *Rosh Yeshivá* de *Maskil el Dal* e de *Temimé Derech* e alguns de seus sermões foram impressos.

O corte fúnebre foi realizado com pompa; o corpo foi transportado ao cemitério acompanhado pelos dirigentes e rabinos da Congregação, grande público, além da presença de representantes diplomáticos de Marrocos, da Espanha e de Portugal. Antes de ser levado ao seu repouso eterno, Rabi Shelomo Oliveira pregou em português, enquanto que o Rabi *Ashquenazi* Moshe

Yehuda (*Leib Charif*) discursou em hebraico. Durante o período tradicional de luto, foram proferidos vários outros sermões fúnebres por todos os rabinos de Amsterdã, pelo seu genro, Daniel Belilos, por Salomão de Oliveira e por seu jovem discípulo Salomão Judah Leão Templo.

7 Aboab e Vieira

Rabino Aboab da Fonseca era conhecido também por intelectuais não judeus, contemporâneos e posteriores. O bibliógrafo português Antônio Ribeiro dos Santos (1745 – 1818) registrou:

O padre Antônio Vieira o ouviu pregar diversas vezes, maravilhando-se por seu grande juízo e sua ampla e excessiva sabedoria, costumando dizer sobre *Menasseh* e ele que *Menasseh* dizia o que sabia, e que Aboab sabia o que dizia.

A vida desse rabino foi paralela à do padre Antônio Vieira. O rabino nasceu em Castro Daire em 1605 e Antônio Vieira em Lisboa, em 1608. Ambos emigraram da terra onde nasceram sendo ainda crianças, um para a Holanda e outro para o Brasil. Em 1641 Vieira viajava de Salvador da Bahia para Lisboa e em 1642 Aboab de Amsterdã para Recife. Em 1653, Vieira regressava ao Brasil como missionário no Maranhão e, em 1654, Aboab regressava a Amsterdã. Em 1659, o rabino assumia a direção da comunidade sefardita e Vieira tinha outro destino em 1661: expulso do Maranhão para Portugal enfrentou o tribunal da Inquisição e uma das acusações era justamente a de defender os judeus. Em 1675, Vieira regressava de Roma coberto de glória e nesse mesmo ano era inaugurada a Grande Sinagoga que Aboab da Fonseca projetara construir. O rabino morreu em Amsterdã em 1693, aos 88 anos, e Vieira em Salvador da Bahia em 1697, aos 89 anos. Partilharam ideias muito próximas, foram dois grandes líderes morais da sociedade onde viveram, mas nunca se encontraram.

A vida e a memória de Rabi Isaac Aboab foram perpetuadas de várias maneiras na comunidade de Amsterdã pela inscrição de seu nome, ainda em vida, no pórtico da Grande Sinagoga, por gravuras de sua imagem lavradas em lâminas de cobre por artistas contemporâneos e pela inclusão de seu nome e data de falecimento nas *ketubot* que daí por diante se celebrassem, por certo período, mostrando que Isaac Aboab foi um rabino que, literalmente, marcou uma época.

Em seus versos percebemos uma mescla de fé e de consciência lógica de um ser esclarecido, profundamente culto, dentro de seu tempo. Para Ramos (2003), por causa de sua influência e apesar das agruras enfrentadas, permaneceu vivo o orgulho de uma “nação” que sobreviveu a tantos e tão diversos ataques, resistindo, dentro das possibilidades espaciais e temporais, no seio das famílias de origem judaica. Participou ativamente, registrou e se emocionou com a história de uma comunidade, cuja combatividade e tantas influências e contribuições no íntimo de outras culturas nas quais estava inserida, perpetuar-se-iam e contribuiriam imensamente na formação da sociedade brasileira daqueles tempos fazendo chegar seus ecos até nossos dias.

* **Jane Bichmacher de Glasman** é Doutora em Língua Hebraica, Literaturas e Cultura Judaica (Universidade de São Paulo), Professora Adjunta (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), fundou e coordenou o Setor de Hebraico e o Programa de Estudos Judaicos da UERJ, Professora e Coordenadora do Setor de Hebraico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (aposentada).

Notas

¹ Sefaradim: judeus originários da Península Ibérica, expulsos da Espanha em 1492 e convertidos em massa, à força, em Portugal, em 1496.

² Contudo, em 1638, o Sínodo proibiu a celebração do serviço religioso judaico nas ruas e edifícios públicos, o que foi ignorado, atraindo a ira e protestos de cristãos. Com frequência, judeus eram punidos sob a acusação de blasfêmia, de difícil defesa.

³ “A Ordem e Regulamento de 1634, antes citado, que no seu artigo 15 dizia: ‘Finalmente, deverá a companhia proceder de forma que nenhum dos moradores daquela terra seja ofendido na sua consciência, desde que se mantenha em sossego e não dê escândalo público com palavras e ações, e velar de modo que todos e cada um sejam conservados em paz’, começa a causar irritação e oposição entre os holandeses e luso-brasileiros aos moradores judeus, que eram acusados de causar escândalo público, com a prática ostensiva de sua religião, em sinagogas que estavam a estabelecer no Recife.” (GONSALVES DE MELLO, 1996, p. 226).

⁴ “Muitos dos cristãos-novos judaizantes revelaram-se crentes da lei mosaica e se fizeram circuncidar”. BÖHM, Günter. *Los Sefardíes en los dominios holandeses de América del Sur y del Caribe: 1630-1750*. Frankfurtam: Vervuert, 1992. p. 231.(coleção Bibliotheca Ibero-Americana)

⁵ BÖHM, 1992, p. 247.

⁶ Autores diversos – com os quais concordamos – aventam a hipótese de que o rochedo seja uma menção à topografia do litoral. O reverendo calvinista Joannes Baers, contemporâneo, assim descreve a cidade: “o Recife é um arrecife”.

⁷ “A Rua dos Judeus antes de ser chamada tal (e era raramente chamada assim) era denominada de Rua do Bode (talvez uma referência injuriosa aos seus moradores israelitas).” (GONSALVES DE MELLO, 1996, p. 111).

⁸ Jacob Lagarto foi um rabino e talmudista sul-americano do século 17. Provavelmente filho de Simon Lagarto de Amsterdã. Ele veio para o Brasil quando jovem e em 1680 foi o *haham* dos judeus em Tamarica, Brasil. Foi o autor de uma obra intitulada *Ohel Yaakov* ou Tenda de Jacob.

⁹ *Hahám*: “Em hebraico: pessoa sábia, erudita, rabino, numa congregação sefardita. Como título que acompanha os nomes dos autores, no frontispício das obras do século 17 em diante, designa o autor sábio.” In: LIPINIER, Elias. *Terror e linguagem: um dicionário da Santa Inquisição*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999. p. 127.

¹⁰ Menasseh ben Israel, nascido em 1604 na Madeira com o nome de Manuel Dias Soeiro, falecido em Middelburg, Países Baixos, em 20 de Novembro de 1657, foi um líder religioso da comunidade judaica de Amsterdã, fundador da primeira impressora portuguesa naquela cidade e incentivador da moderna comunidade judaica na Inglaterra. Foi o primeiro rabino português formado em Amsterdã.

¹¹ A comunidade de Recife, por orientação do rabino Aboab, fez uma consulta ao rabino Hayim Sabatai, de Salônica, sobre a possibilidade de inverter os pedidos por chuva e sol na oração *Amidá*, porque no Brasil as estações são opostas às do hemisfério norte. A resposta, que nunca chegou à comunidade, pois Recife já fora reconquistada pelos portugueses, dizia que a ordem deveria ser mantida, uma vez que aqueles judeus não falavam por todo o Brasil, mas só por parte dele, mas que, quando fosse necessário, poderiam fazer preces especiais por chuva ou sol.

¹² *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil (Johan Neuhofs Gedenkwaerdige Brasiliaense Zee-en Lant-Reize. Behelzende Al het geen op dezelve is voorgevallen. Beneffens Een bondige befchrijving van gantfch Neerlants Brasil, Zoo van lantfchappen, fteden, dieren, gewaffen, als draghten, zeden en godsdienst des inwoonders: En in zonderheit Een wijtloopig verhael der merkwaardigfte voorvallen en gefchiedeniffen, die zich, geduurende zijn negenjarigh verblijf in Brafil, in d'oorlogen en opflant der Portugefer tegen d'onzen, zich federt het jaer 1640 tot 1649, Amsterdam, 1682).*

¹³ Ver nota 12.

¹⁴ Os dois poemas de Aboab, em hebraico, musicados e cantados por *hazaním*, podem ser ouvidos em: <<http://omelomano.blogspot.com/2008/05/msica-dos-judeus-no-brasil-holands.html>>.

¹⁵ Sabbatai Zevi (em hebraico: שַׁבְּתַי צְבִי), também conhecido como Shabtai Tzvi (Esmirna, 1º de agosto de 1626 – Dulcigno, 17 de setembro de 1676) foi um rabino e cabalista que alegava ser o longamente esperado Messias. Foi o fundador da seita judaica dos sabatianos. A sua conversão forçada ao Islã em 1666 originou o aparecimento dos *dönme*, um grupo de criptojudeus da Turquia, cujos membros são publicamente muçulmanos, mas secretamente praticam os ritos judaicos sabatianos.

Referências

- BORGES, Sarah. Rabi Isaac Aboab da Fonseca, O Hakham Do Novo Mundo. In: *Lusitânia judaica*. Disponível em: <<http://lusitaniajudaica.blogspot.com>>. Acesso em: 20 maio 2009.
- FREUND, Michael. O primeiro rabino das Américas. Trad. David Salgado. In: *Newsletter Shavei Israel*. Abril, 2009. Disponível em: <<http://www.shavei.org/NL/Archive/portuguese-020Newsletter.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2010.
- GOLDFARB, Luiz José Luiz; KNIJNIK, Ivy Judensnaider. Texto extraído da comunicação: A Renascença: cabala e hermetismo, apresentada no IV Encontro Nacional do AHJB, em setembro de 2005. Disponível em: <http://www.arscientia.com.br/materia/ver_materia.php?id_materia=82>. Acesso em: 21 jun. 2008.
- GONSALVES DE MELLO, José Antônio. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. 335 p. il. (Documentos brasileiros, 54). 2ª ed. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, 1978. 292 p. il. (Coleção Pernambucana, 15). 3ª ed. aumentada. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1987.
- GONSALVES DE MELLO, José Antônio. *Gente da Nação: cristãos-novos e judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Apresentação José Mindlin, 2ª Ed. Recife: Fundaj, Massangana, 1996.
- RAMOS, Frank dos Santos. O Rabi Isaac Aboab da Fonseca: o literato da comunidade judaica Zur Israel. In: SIMPÓSIO DOS PÓS-GRADUANDOS DO PROGRAMA DE LÍNGUA HEBRAICA, 3., 2003, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2003.
- SEREBRENICK, Salomão. *Breve história dos judeus do Brasil*. Disponível em: <http://colecão.judaismo.tryte.com.br/livro10.htm> Acesso em 15 ago. 2008.
- SILVA, Leonardo Dantas. Rabi Aboab da Fonseca. *Morashá*, 34. São Paulo: Morashá, 2001.
- VEITMAN, Rabino David. *Bandeirantes espirituais do Brasil: Rabinos Isaac Aboab da Fonseca e Mosseh Raphael D'Aguilar*. São Paulo: Editora Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- WIZNITZER, Arnold. *Os judeus no Brasil Colonial*. São Paulo: Livraria Pioneira/ Edusp, 1966.